

ESTUDO COMPARATIVO DA PRODUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL RELATO PESSOAL: HUMANO VS INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Sophia Schoffen Munhoz (PIBIC/CNPq/FA/UEM), André Luis Antonelli (Orientador).
E-mail: alantonelli@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes/Linguística.

Palavras-chave: Linguagem generativa; Produção textual; Vestibular.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise comparativa entre relatos pessoais produzidos por candidatos no Vestibular de Verão de 2018 da Universidade Estadual de Maringá e textos gerados por modelos de linguagem artificial, especificamente ChatGPT e Gemini. O objetivo foi investigar em que medida as produções de IA reproduzem características linguísticas, discursivas e estruturais próprias do gênero relato pessoal de experiência vivida. A pesquisa, de caráter qualitativo, considerou aspectos como adequação ao comando de produção, coesão, ordenação sintática e autenticidade enunciativa. Os resultados indicam que, embora produzam textos gramaticalmente corretos e coesos, os modelos de IA apresentam dificuldades em atender às condições de produção específicas do vestibular, bem como em reproduzir marcas de subjetividade e variação linguística presentes na escrita humana. Conclui-se que as IAs ainda enfrentam limitações significativas na produção de gêneros que exigem autenticidade e envolvimento pessoal.

INTRODUÇÃO

A proficiência na língua escrita costuma ser considerada um dos grandes indicadores de sucesso em sociedades altamente letradas. Isso explica, em grande medida, o papel central que atividades de produção de texto desempenham na vida escolar dos estudantes, desde os anos iniciais da educação básica até as etapas finais do ensino superior. As formas de produção textual, no entanto, foram grandemente afetadas com a introdução de ferramentas tecnológicas, tais como mídias sociais, no cotidiano das pessoas. Esse impacto alcançou um nível ainda maior com a massificação do uso de grandes modelos de linguagem generativa (LLM, de *Large Language Models*, em inglês), como o ChatGPT da empresa Open AI, para o grande público nos últimos cinco anos.

Uma das questões levantadas pelo intenso uso dessas ferramentas de Inteligência Artificial (IA) nos dias atuais é saber em que medida os textos produzidos por esses LLMs se aproximam ou se distanciam de textos produzidos por humanos. O presente trabalho busca discutir essa questão ao comparar relatos

peçoais produzidos por duas ferramentas de IA, o ChatGPT e o Gemini, com os textos produzidos por humanos em contexto de vestibular. Isso permitirá avaliar de maneira bastante direta as eventuais diferenças de natureza gramatical e textual-discursiva que separam os dois tipos de produção.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a produção desta pesquisa, foi coletado na Comissão do Vestibular Unificado (CVU)¹ um *corpus* com 43 textos do vestibular de verão de 2018. Do total de textos selecionados, a variação de notas é a seguinte: 8 redações zeradas, 10 com a média de 20-40 pontos, 10 com a média de 45-59 e 15 redações com a nota máxima de 60 pontos.

Somado a isso, para a coleta de dados produzidos pela IA, foram escolhidos dois modelos de linguagem generativa, a saber: ChatGPT e o Gemini do Google. A partir disso, individualmente houve o envio dos textos de apoio 1 “Mobilidade urbana é desafio para melhorar qualidade de vida, aponta audiência” e o texto de apoio 2, que é uma charge do BlogSpot para aproximar a experiência que o vestibulando teve de contato com a temática do gênero a ser produzido. Ademais, foi enviado o seguinte prompt: “Coloque-se como um estudante do ensino médio o qual acabou de realizar a leitura dos textos enviados e que irá produzir um relato pessoal de experiência vivida com base no comando a seguir em contexto de vestibular na Universidade Estadual de Maringá”. A partir desse prompt, foram desenvolvidos 15 textos pelo ChatGPT e 5 textos pelo Gemini. No caso específico do Gemini, observamos que, a partir do sexto texto, a ferramenta generativa passa a parafrasear e usar sinônimos para repetir as mesmas ideias, o que explica a nossa decisão de selecionar apenas os 5 primeiros textos produzidos por esse LLM. Feita a coleta dos dados, passamos à análise do material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comparação entre produções humanas e textos gerados por grandes modelos de linguagem generativa evidencia diferenças relevantes que vão além do nível gramatical, envolvendo aspectos estruturais, discursivos e sociolinguísticos. O gênero relato pessoal de experiência vivida (HILA; SANTOS, 2017), tomado como objeto desta pesquisa, mostrou-se um campo privilegiado para perceber tanto as potencialidades quanto as limitações da escrita produzida por inteligências artificiais.

Nos textos de candidatos humanos, observou-se grande heterogeneidade: alguns atendem integralmente ao comando de produção, enquanto outros o cumprem apenas parcialmente ou o desconsideram. Essa variação reflete o próprio processo de ensino-aprendizagem e as diferentes competências individuais. Além disso, as redações humanas revelam marcas de subjetividade, variações na coesão e na ordenação dos sintagmas, bem como usos oscilantes de elementos

¹ A Comissão Central do Vestibular Unificado (CVU) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) é o órgão responsável pela organização e realização dos processos seletivos (vestibulares) da UEM.

sociolinguísticos, como o artigo definido diante de pronomes possessivos. Esses traços, longe de serem falhas apenas, expressam a vitalidade da língua em uso e a autenticidade da experiência narrada (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2008).

Já as produções do ChatGPT e do Gemini apresentam regularidade maior, mas também limitações evidentes. Em geral, não atendem plenamente às condições do comando, omitindo elementos obrigatórios, como perfil social ou local de publicação. Estruturalmente, os textos tendem a se aproximar mais de comentários opinativos do que de relatos pessoais, reduzindo-se muitas vezes à enumeração de queixas ou situações genéricas. Na coesão, os LLMs mantêm um padrão estável, com uso sistemático de conectores e estruturas canônicas, mas carecem de variações expressivas típicas da escrita humana. O mesmo ocorre na ordenação dos sintagmas, em que a preferência pela forma sujeito-verbo-complemento contrasta com o uso recorrente de adjuntos adverbiais iniciais pelos vestibulandos. Quanto ao uso do artigo definido antes de pronomes possessivos, as IAs mostraram padrão categórico de ausência, não reproduzindo a variação característica do português brasileiro (SILVA, 1982, 1991).

Esses resultados permitem afirmar que a escrita humana carrega subjetividade, criatividade e marcas de identidade que os LLMs ainda não conseguem imitar. As inteligências artificiais, por sua vez, produzem textos organizados e formais, mas com baixa sensibilidade ao contexto social de produção e às variações linguísticas. Assim, se possuem potencial como ferramentas de apoio, não substituem a complexidade e a autenticidade da produção humana.

CONCLUSÕES

Em suma, esta pesquisa mostra que a produção textual humana e a produção por IA não devem ser vistas como opostas, mas como complementares. A primeira conserva a singularidade da experiência vivida; a segunda pode oferecer regularidade e eficiência. Reconhecer essa complementaridade é essencial para pensar o futuro da escrita em uma sociedade cada vez mais atravessada pela tecnologia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HILA, C.; SANTOS, D. O relato de experiência vivida no vestibular. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: EDUEM, 2017.p. 177-196

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, G. M. de O. e. Um caso de definitude. **Organon**, n. 18, p. 90-108, 1991.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

SILVA, G. M. de O. e. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.